

309.18  
M527  
AL  
EX2

ARNON DE MELLO

Senador da República

AMÉRICA LATINA:  
EDUCAÇÃO  
E  
PROGRESSO

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS  
Maceió — Alagoas



**ARNON DE MELLO**

Senador da República

# AMÉRICA LATINA:

EDUCAÇÃO

E

PROGRESSO

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

*Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :*

Energia Nuclear  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
Pesquisa  
Emigração de Cientistas  
Cientistas-Meninos  
Ciência e Democracia  
Inquérito Parlamentar Sobre o "Brain Drain"  
Responsabilidade do Legislador  
Vereadores  
Pelé no Senado  
Legislação Social e Desenvolvimento (1930-1964)  
Alagoas, Petróleo e Petrobrás  
Resposta ao Senador Edward Kennedy  
Comunidade Luso-Brasileira  
Brasil, Passado e Presente  
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento  
A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste  
Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional  
Problemas de Educação  
Três Alagoanos  
Chefes de Estado  
Pensamento e Ação

outros discursos:

**UMA EXPERIENCIA DE GOVERNO**

~~Livraria José Olympio Editora~~ Rio  
BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

---

Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05  
Rio de Janeiro

Senhor Presidente : (\*)

Honrado pela confiança do Senado, integrei a delegação desta Casa à III Assembléia Ordinária do Parlamento Latino-Americano — reunida em Brasília entre 20 e 23 do corrente — ao lado de outros eminentes colegas que deram à representação do nosso país o mais alto relêvo. Aqui vieram delegados de quase todas as Nações do Continente, além de observadores de vários organismos internacionais.

Queira permitir-me, Sr. Presidente, que desde logo ressalte a importância de tais encontros para a aproximação e a união dos povos, para a paz universal, para o aperfeiçoamento e o fortalecimento do regime democrático e para o progresso das Nações.

Vale repetir que um dos fatores mais significativos do subdesenvolvimento é o desconhecimento do que vai pelo mundo. De fato, Sr. Presidente, não se pode lutar pelo melhor se só se conhece o pior. Não se pode desestimar o carro de boi se não se sabe da existência do caminhão. Ora, além do contato com outras civilizações, além da visão do passado e do presente construídos por outros povos e das sugestões para o futuro que nos proporcionam as suas realizações e experiências, dão-nos os conclaves internacionais o ensejo do debate das idéias, em campo quase diria universitário, na convivência de parlamentares de todos os quadrantes, mercê do que ampliamos os nossos conhecimentos, como se fizéssemos um curso de especialização, e nos habilitamos a melhor desincumbir-nos da missão de legisladores empenhados em promover o bem estar do povo.

## ATRIBUIÇÕES DO SENADO

Quanto a nós, do Senado dêste País, Sr. Presidente, os argumentos extravasam a área da conveniência para es-

---

(\*) Discurso pronunciado no Senado Federal, em Brasília, na Sessão de 27 de junho de 1968.

praiar-se no campo do dever a cumprir. São imensas, como se sabe, as nossas atribuições constitucionais no setor da política externa. Além das naturais obrigações de parlamentar, devemos pronunciar-nos sôbre a nomeação dos Embaixadores escolhidos para representarem lá fora o Brasil, e sôbre todos os tratados que o Chefe do Poder Executivo assina com qualquer País.

Tais atribuições não constituem simplesmente direitos ou prerrogativas que possamos exercer ou renunciar num ato unilateral de vontade mas direitos e obrigações inalienáveis que precisam ser bem exercidos e bem cumpridos para que bem se resguarde o próprio destino da Nação. Eis porque não transpomos os limites das nossas funções específicas, antes pelo contrário, desempenhamos nossa tarefa dentro rigorosamente da área das nossas responsabilidades, se acompanhamos com tôda atenção os passos e os atos dos condutores da nossa política exterior, e, a respeito, exprimimos a nossa opinião e damos a nossa decisão irrecorrível com a liberdade e a independência impostas pela consciência do homem público. Mas a essa liberdade e independência necessárias há de juntar-se a indispensável autoridade, que dimana fundamentalmente do nosso sentimento do dever e do nosso patriotismo, já que envolve muitas vêzes o próprio futuro da Nação, porém quase sempre carece, para melhor afirmar-se, de conhecimentos mais amplos. As conferências internacionais, em que se estudam assuntos que dizem respeito ao nosso e aos outros Países, criam-nos melhores condições e possibilidades de ver e resolver, e com isso dão-nos maiores elementos para colaborar no engrandecimento do Brasil.

## JUVENTUDE

Senhor Presidente :

A III Assembléia Ordinária do Parlamento Latino-Americano bem cumpriu sua tarefa. Foram três dias de intenso labor durante os quais exaustivamente se estudaram e debateram os mais importantes problemas dêste Hemisfério, visando à integração política, econômica e social da América Latina — quer no plenário, quer nas comissões de Integração Política, de Integração Econômica e Social, de Coordenação Legislativa, Estatuto e Regulamento e de Integração Cultural e de Educação, esta última, de que fiz parte, presidida pelo eminente Senador Manoel Villaça, que se houve com a sua habitual dedicação e conhecida correção.

Cumprer referir aqui, Sr. Presidente, episódio que se verificou à margem dos trabalhos normais da Assembléa, e que bem merece um registro fora das quatro paredes do seu Plenário. No dia mesmo da instalação do conclave, explodiu nesta Capital a crise estudantil, que imediatamente repercutiu nas nossas reuniões. Centenas de rapazes e moças dos colégios e da Universidade de Brasília, logo pela manhã, superlotaram as nossas galerias, e aí ficaram até à noite. A presença da juventude, alacre e rumorosa, nos emocionou a todos nós, congressistas. Reuniu-se a Assembléa, extraordinariamente, às 13 horas, no plenário da Câmara, e o ilustre Padre Nobre falou sobre o problema dos moços e lhes exprimiu a sua solidariedade ao ensejo do debate de uma proposição concernente à juventude que apresentara à Comissão de Integração Cultural e de Educação e que fora aprovada pela manhã. Dois parlamentares latino-americanos, um, na reunião plenária da Assembléa, e outro, na reunião da Comissão de Integração Política, realizada à tarde neste recinto, se solidarizaram da tribuna com os jovens brasileiros, e chegaram a sugerir que a Assembléa, através da sua Mesa Diretoria, procurasse as autoridades do País para dar solução à crise estudantil. O nobre Senador Arthur Virgílio, em atitude que vale realçar, pediu logo a seguir a palavra para debater o mesmo tema. Disse que os parlamentares brasileiros assistiam contristados aos acontecimentos que se desenrolavam, e tanto mais constrangidos quanto se verificavam no momento mesmo em que aqui se reunia o Parlamento Latino-Americano. Estimaria que os colegas das Nações irmãs houvessem sido poupados dessas emoções. Lamentava sinceramente as ocorrências que tocaram a sensibilidade dos delegados dos demais Países, a ponto de se disporem a colaborar conosco para a solução da crise. Nesta hora de preocupações para os parlamentares brasileiros, reconhecidos ao gesto generoso dos colegas, acreditava que lhe seria lícito declarar, interpretando o pensamento de Senadores e Deputados filhos deste País e ali presentes, que não havia necessidade deles, parlamentares latino-americanos, se incomodarem com a crise estudantil. O problema era nosso, o dever era nosso, nosso o encargo de dar-lhe solução. Encarecia-lhes, então, aos eminentes representantes das Nações irmãs integrantes do Conclave, que aquiescessem em deixar os riscos e os incômodos do trato do problema conosco mesmos, representantes do povo brasileiro, pois fazíamos questão, no cumprimento do nosso dever,

da exclusividade e do monopólio desses riscos e incômodos, Tranquilizava, frisou por fim, os nossos hóspedes. A crise estudantil estava merecendo as melhores atenções de todos nós: a manhã tôda a passara cuidando dela, juntamente com outros parlamentares brasileiros, e várias medidas já haviam sido postas em prática pelo Govêrno visando a acalmar os ânimos e a solucioná-la.

Todo o plenário da Comissão Política compreendeu e acatou as palavras graves e justas do nosso eminente colega, que os estudantes, presentes nas galerias, respeitaram e aplaudiram.

## TOMADA DE POSIÇÃO

Senhor Presidente :

Já que falamos na crise estudantil que se fêz tão aguda e dramática nestes últimos dias, nesta Capital e na Guanabara, vale a pena referir-lhe alguns aspectos e olhá-la com olhos de ver e não de se iludir e com preocupação construtiva. Convenhamos em que as impaciências e explosões da juventude — de todos os Países, dos Estados Unidos como da Rússia, do Japão como da Escandinávia — e não apenas do Brasil — representam a tornada de posição das novas gerações em face do irrealismo em que se situam as elites dirigentes, a morosidade com que se utilizam as fabulosas descobertas do século XX para modelar o mundo nôvo. É engano supor que são decorrentes de impulsos momentâneos os atos de rebeldia da mocidade que se espraiam por todos os Países, independentes de posições ideológicas ou doutrinárias que tenham, alheios a comandos estranhos à classe estudantil. Repita-se o que se diz a três por dois: os jovens talvez não saibam precisamente o que querem. Mas é fato que sabem exatamente o que não querem: não querem a permanência dos êrros da rotina, não querem os desacêrtos do *statu quo*. E não imaginemos, se queremos ver claro no tumulto dos acontecimentos, que lhes falta, aos moços, descontadas evidentemente as exceções, equilíbrio ou ponderação para assumir as responsabilidades que ardentemente desejam, decididos a participar da construção do futuro para melhor resguardar suas esperanças e objetivos. Em cada jovem há sempre o componente do adulto que se afirma na medida das lutas a que se entrega e das missões que cumpre. Como o adulto

jamais perde o seu componente de criança, que lhes drena as tensões, ao jovem não falta o *substratum* da maturidade.

Os ímpetos que fazem os excessos da juventude inde-ne à influência extremista, lamentáveis e condenáveis sem dúvida, não decorrem tanto da condição de ser jovem por-que se geram e se exacerbam na dura resistência e empedernida insensibilidade das estruturas e privilégios obsoletos que se atritam e chocam, num crescendo, com a realidade dos dias presentes. Não exigem, aliás, tais ímpetos, contra o arcaico e ornamental das instituições, certidão de nascimento para se afervorarem e explodirem, de vez que emanam e irrompem em tôda e qualquer idade, que se mede, no caso, menos pelos anos de existência que pelo espírito e sensibilidade. Não é tanto uma questão de juventude mas sobretudo de sensibilidade. Ninguém aguenta, sem movimentos de impaciência crescente, uma roupa cujas medidas não correspondam às do próprio corpo.

Funcionam os jovens como agentes corretivos de situações superadas que precisam arredar-se e abrir alas aos novos tempos. E atuam mesmo como educadores e orientadores num ambiente de distorções e artificios, indicando afinal o rumo certo a seguir.

Alteiam-se os jovens em tôdas as partes do mundo — nos países capitalistas como nos socialistas — pelo empenho de aprender e pela decisão de lutar em favor das causas sociais. Aprendendo, formam o espírito; lutando, constroem o cidadão. Cabe a nós, que temos a responsabilidade do Poder Político, compreendê-los e atendê-los nas suas justas reivindicações aproveitando-lhes as generosas energias para plasmar a nova sociedade mais humana.

Fôrça criadora indispensável a qualquer construção social, e a quem pertence o mundo futuro, havemos de considerá-la no seu valor e nos seus objetivos. Não basta que lhe proporcionemos as oportunidades *de ser* mas ainda nos categorizemos ao seu aprêço pelo nosso empenho de evitar e combater os êrros e defender e instaurar os acêrtos.

## **ESTRUTURA EDUCACIONAL**

Senhor Presidente:

Ante tal quadro o que desde logo se impõe, e urgentemente, é a reforma da estrutura educacional, incapaz de atender aos reclamos da juventude e do futuro. A Universida-

de brasileira, embora fundada há menos de cinquenta anos, adotou os métodos arcaicos das Universidades nascidas há séculos, expressões de civilizações já superadas. Foi-se o tempo da Universidade-torre de marfim, em que se guardavam as relíquias da cultura só transmitidas a uma minoria de privilegiados. A Universidade de hoje há de ser especialmente um centro criador de cultura com janelas e portas escancaradas para a vida.

Mas o erro, pelo menos no caso brasileiro, vem de mais longe, vem do ensino primário, que é, entre nós, extremamente deficiente e inadequado. Valho-me dos dados oficiais atualizados, do Censo Escolar de 1964, do INEP e do IBGE. Seis milhões de crianças brasileiras não têm escolas. De cem crianças que se matriculam na Primeira Série, apenas dezesseis concluem o curso primário. Em resumo: a criança brasileira ou não consegue escola ou, se a consegue, não termina o curso. Qual o motivo real da evasão? A informação é oficial: "Os currículos são pretensiosos não só pelo enciclopedismo do conteúdo como pela má distribuição das séries e pelo despreparo do corpo docente", — diz a Professora Lira Paixão, Coordenadora da Equipe de Assistência Técnica do Ensino Primário do INEP (1).

São 289.865 os professores primários existentes neste País, dos quais 29,8% não concluíram o curso primário, e 56% não têm curso algum de formação profissional.

De tôdas as Nações da América Latina, o Brasil só está acima da Nicarágua e do Haiti no que diz respeito ao aproveitamento de crianças que cursam a escola primária.

Frize-se que a 13 de janeiro de 1967 o Brasil assinou convênio com a UNESCO e o FISI visando à "melhoria qualitativa e quantitativa dos ensinos primário e normal brasileiros", e a "contribuir para melhorar as condições de preparo de 127.000 professores leigos além de formar novos" (2). O Brasil não cumpriu as obrigações assumidas no convênio, que por isso não está sendo executado.

Exponho números e fatos, sem comentários. Espero em outra oportunidade falar mais longamente do problema educacional brasileiro.

## **OS NOVOS DIRIGENTES DO PARLAMENTO LATINO-AMERICANO**

Senhor Presidente:

Entro agora no assunto que me trouxe a esta tribuna:

---

(1) — "Jornal do Brasil", do Rio, de 19 de maio de 1968.

(2) — "Jornal do Brasil", da mesma data.

a III Assembléa do Parlamento Latino-Americano. O Brasil presidiu por um ano, até 23 do corrente, essa instituição, através do ilustre Deputado Ulysses Guimarães, de São Paulo. Aqui se elegeram agora os seus novos dirigentes, cabendo a sua Presidência ao Deputado Ramiro Andrade, Presidente da Câmara dos Deputados da Colômbia, e a sua Secretaria Geral ao Deputado Andrés Townsend, do Perú. As palavras que pronunciaram na Assembléa aqui realizada dão o *tonus* em que se coloca o Parlamento Latino-Americano nesta hora histórica da vida da humanidade.

O Deputado Ramiro Andrade, referindo a América Latina como “o continente da miséria e da fome”, diz que confia no trabalho criador dos parlamentares latino-americanos para que, “neste século de luz”, alcancemos a democracia “com o direito à vida, ao trabalho e à realidade”. E pergunta se as razões de nosso atraso estão realmente nos fatores externos ou se nós mesmos somos responsáveis por êle em virtude de têmos deixado de fazer o que é preciso fazer. E convoca: “Vamos fazer mais coisas. Vamos fazer a revolução latino-americana de que o povo necessita e não pode esperar.” E’ indispensável — ressalta — que as proposições aprovadas pela Assembléa se materializem em leis e realizações.

O Deputado Andrés Townsend, acentuando que precisamos ser objetivos, declara que não é possível restringir-nos a palavras formais quando são reclamados atos com a maior urgência: “O tempo é curto. A América Latina se move com velocidade de carroça, e o Mundo caminha à velocidade de avião propulsorado a jato. Não mais se admite essa lentidão do século passado. Devemos adquirir, no campo político, a velocidade exigida por um mundo moderno, pois, do contrário, não haverá desenvolvimento e permanecerá a pobreza das nossas grandes massas trabalhadoras.”

E sôbre a juventude: “Assimilemos essa crise da juventude e orientemos o seu entusiasmo discordante. Demos-lhe temas, como requer o recônclito do seu inesgotável dinamismo. Os jovens se perdem na medida em que os velhos não lhes saibam dar orientação segura. Aceitemos as responsabilidades que nos correspondem. Demos causa a essa rebeldia. Que essa rebeldia, até então sem causa, seja a rebeldia da união, da liberdade e da construção latino-americana.”

Os dois dirigentes do Parlamento Latino-Americano falam a mesma linguagem, que é a linguagem objetiva do mundo nôvo. Que tôdas as Repúblicas dêste Continente, que assim pensam, assim ajam. Precisamos sair de uma vez por tôdas dêste horrível e ridículo estágio de subdesenvolvi-

mento, em que todos conhecem a doença como sabem o remédio para vencê-la, mas o remédio não é aplicado.

## PROPOSIÇÕES

Senhores Senadores:

Aventurei-me a apresentar algumas proposições à Comissão de Integração Cultural e de Educação de que fiz parte, na Assembléa do Parlamento Latino Americano, as quais mereceram o apoio unânime da mesma Comissão, — com palavras de seus integrantes que profundamente me comoveram —, e, depois, foram igualmente aprovadas pelo Plenário.

Peço permissão a Vv. Exas. para ler desta tribuna as palavras com que as precedi.

Aqui — disse eu naquele Conclave justificando ditas proposições, — estamos reunidos delegados de tôdas as nações latino-americanas, cujos descobridores, fundadores e povoadores, vindos de Portugal e da Espanha, da Península Ibérica, se ligaram nestas plagas aos autoctones e a outros povos, e constituíram uma nova e original civilização nos trópicos.

Aqui estamos reunidos autênticos representantes do povo, cujos mandatos se legitimam no voto livre e secreto.

Procedemos, os que integramos o Congresso do Parlamento Latino Americano, das mesmas nascentes, não apenas quanto ao passado, na história mais longínqua dos nossos países, mas também quanto ao presente, na realidade dos dias mais próximos. E estamos aqui, num encontro quase diria de família, no qual podemos e devemos, para nos entendermos, nos compreendermos e sermos mais úteis às nossas Pátrias, falar a linguagem mais franca e aberta, cada qual dizendo o que pensa e o que sente com a determinação de fixar mesmo a realidade e não praticar o vôo cego das miragens e dos sonhos.

## DEVERES DOS REPRESENTANTES DO POVO

Graves e sagrados são os deveres que nos impõe a nossa condição de intérpretes da vontade popular. Para sermos dignos da missão de confiança de que nos achamos investidos, e para atendermos aos altos objetivos do Congresso do Parlamento Latino Americano — frizei —, que são fortalecer a união dos nossos países e promover a integração econômica, política e cultural da América Latina,

cumpre-nos, antes de tudo, servir a verdade, mesmo porque, para citar palavras de Karl Jaspers, "só a verdade pode unir". E cumpre-nos também não temer os problemas, antes arrotar o perigo do erro pela ação do que cometer o pecado do erro pela omissão, no doce engano de que é possível defender-se alguém da tempestade simplesmente com o ignorá-la, tal o avestruz, escondendo-se do perigo com a cabeça sob a asa. Afinal, se vivemos numa democracia, dentro da qual o Poder Executivo aplica as leis e o Poder Judiciário as interpreta, somos nós que normalmente fazemos as leis, desde a lei maior, criadora da ordem jurídica e do sistema de governo. Temos, pois, para fazer face a tais responsabilidades, que defender a nossa autoridade — não somente contra as pressões dos apaixonados ou interessados mas também contra nossas próprias fraquezas e ambições — e afirmar-nos sempre como militantes e participantes da luta em favor do bem-estar social conduzidos pela emoção e pelo entusiasmo necessários à vitória do bom combate. E agir, agir a tempo e a hora, aproximando cada vez mais e mais rapidamente as palavras dos atos, pois de nada adianta conhecer e possuir os remédios sem os aplicar. Não podemos perder tempo, que já o perdemos demasiado, nem com palavras que não exprimam objetivos nem com perplexidades e hesitações. São tais as erosões das necessidades, tão clamantes os problemas da miséria, que só o fato do homem público deixar passar o tempo sem nada realizar em favor do bem comum importa em fazer o mal, porque contribui para prolongar e agravar as desventuras e sofrimentos coletivos, e também estimula o desespero e a revolta. Já a juventude protesta em toda parte contra a permanência dos problemas que as nossas inibições, dos homens nascidos nos começos deste século XX, não nos deixam enfrentar adequada e devidamente. E o mundo novo que pede passagem ao mundo velho, são as justas esperanças impacientes que não vêem perspectivas aos seus objetivos.

## VOCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Senhores Senadores:

Se fatores econômicos e sociais distanciam as Nações latino-americanas, se diversos são os acontecimentos que lhes marcam o itinerário ao longo dos anos, se diferimos por determinadas características, ligam-nos outros laços, e entre eles releva, como dos mais importantes, o amor à liberdade, a vocação democrática.

Não se diga que as ditaduras que pontilham a história da jovem América Latina significam desinteresse ou des-

amor nosso pela democracia. Instituição criada pelos romanos, 501 anos antes de Cristo, surgiu para reprimir, segundo Cícero, discórdias civis, e também para resolver crises militares, evitar ou enfrentar perigos de guerra, sedição e crimes, e para desempenhar tarefas outras, entre elas a de realizar eleições. Indicado pelo Senado e nomeado por um dos Cônsules, tinha o ditador o título de *magister populi*, e atuava realmente com poderes semelhantes aos dos reis, que se extinguíam logo a seguir do cumprimento da missão a que fôra convocado. Modificada a instituição por Sylva e César, que lhe deram caráter permanente, Marco Antônio, contrário à modificação, aboliu-a no ano 44, antes de Cristo.

A moda, no entanto, pegou, e vimos depois as ditaduras de caráter permanente se espalharem por todos os quadrantes do Mundo, mesmo na civilizada Europa, onde ainda hoje proliferam.

## RESPONSABILIDADE PELA DITADURA

Se na América Latina teve guarida a ditadura, há de observar-se que a responsabilidade disso cabe menos ao povo que às estruturas oligárquicas que, contrariando os interesses das massas, ainda sobrevivem e não se ajustam à realidade. Não importam as barragens que se formam para conter os descontentamentos das desigualdades e preservar o ornamental dos arcaísmos, porque as forças quase diria biológicas, saídas das entranhas da vontade social, repentinamente se manifestam, como os terremotos ou os vulcões, abalando as estruturas prementas e estendendo às adormecidas elites dominantes a insegurança e a instabilidade de que já são vítimas os desamparados. Cria-se, assim, o pânico, e à força material se recorre, do que resulta a ditadura: para manter a ordem de coisas injusta, se triunfantes as classes dirigentes; para a transformação social, se vitoriosos os desprivilegiados. De qualquer modo, a ditadura é uma esperança de mudança para melhor, já que o *statu quo* é a certeza da continuação da injustiça. Conclua-se daí, e não pelo gosto dos paradoxos, que as ditaduras latino-americanas são uma afirmação da vontade social, uma determinação coletiva de ascender e participar, um produto da liberdade, esta que é tão forte que, como já se disse, mesmo o ditador nasce dela, nasce da necessidade que tem de absorver a liberdade dos outros não contentado com a sua própria. Sinal de desamor à democracia seria o conformismo e a acei-

tação do *statu quo* superado, que utiliza a tênue encaenação democrática para muitas vèzes encobrir, mais do que a ditadura, a própria tirania. Ainda que espasmódicos, os movimentos de protesto ameaçam os diques de sustentação dos privilégios e têm o valor de sinais de perigo nos descaminhos dos erros. Se não provocam de imediato as retificações e os concêrtos como uma luz no espesso nevoeiro da insensibilidade, das incompreensões e das ambições desmedidas e fora do tempo, e se recebem, em resposta, excessos de poder e abusos de autoridade, faz-se mais curto o itinerário da liberdade, promove-se a aceleração da marcha para a conquista e consolidação democrática. O processo histórico se desenrola com clareza meridiana neste Hemisfério, nesta sociedade latino-americana de formação aluviana.

## O MAIOR COMPROMISSO

Senhor Presidente:

Destaquei ainda para os delegados do Parlamento Latino-Americano, que se nos une o amor à liberdade fonte do nosso poder, parlamentares que somos, e se o preço da liberdade é “a eterna vigilância”, na conhecida frase do pensador inglês, claro que o nosso maior compromisso é agir sempre no sentido de garanti-la e fortalecê-la. Para isso havemos de precípuamente marcar posição na luta contra privilégios inadmissíveis e instituições antiquadas, identificando-nos cada vez mais com a realidade dos novos tempos.

É impossível manter o obsoleto e o artificial, resistindo às reformas estruturais num instante em que a doença, a fome, o analfabetismo, a injustiça social, enfim, se tornam incandescentes materiais combustíveis e ameaçam incendiar uma ordem de coisas sem condições de sobrevivência.

E é incrível, por outro lado, que, neste maravilhoso século XX das descobertas quase diria miraculosas, se tenha ainda a enxada como instrumento de progresso quando de há muito deveria estar num museu como ornamento do passado mais remoto. Considere-se que 2.500 anos antes de Cristo já os egípcios usavam o arado, instrumento de agricultura tão mais avançado que a enxada, cujo nome latino, *asciata*, tem a mesma raiz de machado, *ascia*, o que nos lembra mesmo a idade da pedra lascada. E’ incrível realmente que não se dê a devida importância, para pronta utilização, aos fabulosos elementos de bem-estar gerados pela ciência e

tecnologia, capazes de responder de pronto ao desafio dos angustiantes problemas nascidos das contradições sociais.

Evidentemente, não pode haver liberdade dentro da miséria, responsável pelas tensões que impedem a tranquilidade e a segurança. E para vencer a miséria e defender a liberdade nada melhor do que o instrumental dos tempos modernos — que amplia as áreas do bem-estar e proporciona ao homem melhores condições de existência. Liberdade e ciência andam juntas: o homem é tanto mais livre quanto mais se afirmem e se propaguem os elementos do progresso.

## A P A R T E

O Sr. *Eurico Rezende* — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O Sr. *Eurico Rezende* — Tenho a impressão de que 1968, em termos parlamentares, é o ano mais fecundo da sua aplaudida vida pública. V. Exa. tem, depois de muito meditar e melhor estudar, produzido discursos nesta Casa de grande importância e da maior ressonância. Lembro perfeitamente — e a memória da Casa ainda está verdejante — de pronunciamentos seus a respeito da exploração da energia nuclear e do desenvolvimento tecnológico. V. Exa. tem oferecido à Casa e aos seus aplausos, sobretudo, trabalhos que devem ser objeto da melhor atenção. Agora, V. Exa. aborda aquilo que poderíamos qualificar de o drama da América Latina. No meu entender, deve partir do Parlamento brasileiro o brado de convocação de tôdas as energias para a obra ciclópica de integração latino-americana. V. Exa., sabe que o Brasil, precisamente a Amazônia, é o coração geográfico da América Latina, e poderá, por via de consequência, operar como um instrumento de polarização, de equilíbrio continental, na consecução dos seus nobres objetivos. E veja V. Exa. uma circunstância interessante: a permanência dessas desigualdades sociais, as graves enfermidades da injustiça social que existem em caráter superavitários na América Latina, justamente numa época em que o mundo avança na Ciência e na Tecnologia. Tenho a impressão de que, à proporção que o homem se aproxima da ciência, êle deve refugiar-se do egoísmo. Para caracterizar a velocidade, a marcha estugante do processo tecnológico, há dez anos era eu Deputado lá na minha província, no Espírito Santo, e, ao abordar problemas dessa natureza, ainda me lembro que usei uma frase: o mundo está na rota do "soutnik" e o Brasil ainda se encontra na rota das caravelas.

Hoje, eu teria que atualizar êsse conceito: a América Latina continua na rota das caravelas e o Mundo já se encontra no esplendor e na rota das estrêlas. Quero, com êste aparte, dar a V. Exa. parabens, mais uma vez, pelo alcance, pela procedência, pela justeza dos seus conceitos, com o elenco dos quais V. Exa. presta um relevante serviço como parlamentar aos executivos da América Latina.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Líder, Senador Eurico Rezende, V. Exa. me confunde sempre, duplamente, com seus apartes, pela sua generosidade desmedida, e pelo seu conhecimento dos assuntos que aqui tenho debatido. Muito obrigado a V. Exa.

## PROGRESSO E DESTRUIÇÃO

Senhores Senadores:

Logo depois da Segunda Guerra Mundial, Aldous Huxley defendeu em estudo sôbre "Ciência, Liberdade e Paz" que "o progresso da ciência é um dos fatores do progressivo declínio da liberdade e da centralização do poder que se produziram no século XX". E conclui assim o seu estudo: "Consentirão os homens de ciência e os técnicos, como tão a miúdo fizeram no passado, em converter-se em instrumentos conscientes de militaristas, imperialistas e uma oligarquia governante de senhores capitalistas ou governamentais? O tempo o dirá. Enquanto isso, é de esperar que todos aquêles aos quais concerne o assunto considerem uma sugestão feita pelo Dr. Geno Weltfish, no número de setembro de 1945 do *Scientific Monthly*."

Sabe-se, diz Aldous Huxley, que, antes de dedicar-se à prática da medicina, todos os médicos devem fazer um juramento profissional — o juramento de Hipócrates —, segundo o qual não se aproveitarão deslealmente de sua posição, pois recordarão sempre suas responsabilidades para com a humanidade doente. O doutor Weltfish propõe que os homens de ciência e os técnicos façam um juramento similar nos termos seguintes: "Juro que usarei meus conhecimentos para o bem da humanidade e contra as forças destruidoras do mundo e os intentos desapiedados dos homens, e que trabalharei, junto com os meus colegas cientistas de qualquer Nação, religião ou raça, para êstes nossos fins comuns."

O impacto dos trágicos acontecimentos de 1939-45, as explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki, o morticínio dos cinco anos de guerra naturalmente provocaram aquelas palavras do grande sábio contra a ciência, não confirmadas pela realidade.

É evidente que toda descoberta ou invenção pode ser utilizada para o bem ou para o mal. A máquina que promove o progresso pode servir à destruição. O avião utilizado para fins pacíficos é também um dos melhores instrumentos de guerra, êle, que transporta os medicamentos que curam, conduziu as bombas atômicas, que devastaram as duas cidades nipônicas. O trator que ara os campos serve igualmente para liquidar as plantações. O próprio ser humano pode criar e destruir.

Por que só se ver nas descobertas o negativo? A bomba atômica tem excepcional poder destruidor, mas, depois de lançada há vinte e tantos anos no Japão, parece difícil que venha a ser de novo utilizada. A luta do Vietnam se alonga por meses e meses, e não pensam os Estados Unidos em lançar mão dela para alcançar a vitória. Os gases mortíferos já existiam no período da última guerra mas nem a loucura de Hitler a êles recorreu.

Tenho que por maiores que sejam os riscos da bomba atômica, por exemplo, há que não esquecer os benefícios incalculáveis que à humanidade já trazem as aplicações pacíficas da energia nuclear. Quantas crianças e adultos não morrem de inanição? A fome aumenta cada vez mais a sua área e a sua capacidade de ceifar vidas, e ainda é responsável por variadas doenças que matam. Sabemos, no entanto, que 50% dos alimentos produzidos por numerosos países se perdem pelo apodrecimento, e que a energia nuclear não só os pode preservar com os raios gama por meses e meses, como ainda multiplicar a sua produção através de mutações genéticas geradas pela irradiação das sementes.

Vale a pena repetir aqui as palavras de Robert Oppenheimer, para quem a pobreza é hoje uma maldade, porque a ciência colocou nas mãos do homem todos os instrumentos para vencê-la e acabar com a fome no mundo inteiro.

## SUBDESENVOLVIMENTO

Senhor Presidente:

O anseio de progresso, como o amor à liberdade, também nos une a todos nós dêste hemisfério, é mais um elo que nos aproxima.

Somos, os países da América Latina, muito ricos, potencialmente. Em volume de terra fértil, em reservas de madeira, nenhum outro Continente nos iguala. Somos sobretudo ricos em recursos minerais. Temos o petróleo, o cobre, o estanho, o ferro, a prata, o chumbo, o ouro, o zinco. Mas, ao mesmo tempo, somos uma das áreas de maior explosão de-

mográfica do mundo. Nossa população é atualmente de mais de 200 milhões de habitantes e no ano 2.000 será de mais de 600 milhões. 50% dos latino-americanos têm menos de 15 e mais de 65 anos.

A nossa taxa de natalidade aumenta sempre, e a de óbito se reduz constantemente, agravando o desequilíbrio porque o aumento da produção não acompanha o crescimento da população nem o desenvolvimento absorve a mão de obra, gerando-se com isso maior desemprego.

Nossa taxa de analfabetismo é de 65% (sessenta e cinco por cento).

Pelas estatísticas que tenho em mãos, colhidas de documento da CEPAL de maio de 1963 — *Agriculture in Latin América — Problems and Prospects* —, depois da Segunda Grande Guerra o crescimento do nosso produto bruto caiu incessantemente ao mesmo tempo que cresceu a nossa população. É certo que, entre 1954 e 1960, e até 1954, em virtude das trocas internacionais, alcançamos elevado índice de desenvolvimento, mas logo depois o vimos baixar. A nossa produção agrícola *per capita* é, no mundo, superior apenas à do Extremo Oriente e da Oceânia. Quanto às nossas exportações agrícolas, a tendência é para a estagnação, e, em tal campo, atrás de nós somente se situa o Extremo Oriente.

Enquanto entre 1948-1952 e entre 1957-1959, o acréscimo da área cultivada na América Latina era de 24% e o da produtividade média de 7%, na Europa, com o aumento da área cultivada de apenas 3%, a taxa de produtividade se elevou a 24%.

## PROBLEMAS CRUCIANTES

O Sr. Atílio Fontana — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador.

O Sr. Atílio Fontana — Agradeço, inicialmente, a oportunidade de dar êste aparte, quando V. Exa. aborda problema dos mais cruciantes não só do Brasil mas da própria América Latina. Sabemos que a FAO, recentemente, publicou que a América Latina, das regiões subdesenvolvidas, é aquela que menos tem expandido a produção agropecuária. Aumentamos a área de terra cultivada, aproveitada, mas a proporção da produtividade da terra decresce. E como V. Exa. ainda está enumerando, enquanto a Europa tem conseguido aumentar extraordinariamente o rendimento por área de terra, seria de perguntar se haverá alguém que acre-

dite que nós, no Brasil, não temos condições de aumentar essa produtividade. Certamente ninguém responderá que não temos essas condições. Temos e podemos fazê-lo. É questão de melhor orientação: dar aos nossos lavradores os ensinamentos em primeiro lugar; e em segundo lugar os meios indispensáveis — e entre êles eu apontaria, como já o tenho dito muitas vêzes, os fertilizantes. Sou um observador da zona rural e verifico que as nossas terras, outrora com maior produtividade, hoje decrescem muito devido à pobreza do humus que têm. De sorte que não contamos com muito nesse setor. Enquanto, como V. Exa afirma, o crescimento demográfico no nosso país, como, nos demais países subdesenvolvidos, é um dos maiores, a produção de alimentos decresce. Precisamos levar a sério esse problema, e por experiência, mais do que teoricamente, posso afirmar que se lhes dermos uma orientação, se colaborarmos com os nossos lavradores, dentro desse ponto principal que citamos e outros, poderemos transformar o nosso país não apenas em termos de suprimento abundante de gêneros alimentícios, de tudo que depende da produção da terra, como também contribuindo para o bem de outras regiões da terra, densamente povoadas e que não têm maior possibilidade de aumentar essa produção. De sorte que é um problema que o Governo tem que levar a sério. V. Exa. ainda há pouco, como tantos outros, abordou o problema da educação, do preparo do homem. E' o ponto fundamental, sem dúvida, porque o analfabeto, o homem que não tem instrução não pode assimilar, não pode aproveitar os ensinamentos da técnica e da ciência. De sorte que o ponto básico seria, como tenho dito muitas vêzes, e V. Exa., ainda há pouco, referiu, o da educação, do preparo e da saúde do homem; depois, então, êsses outros pontos que vimos reiteradamente citando. Teremos, assim, possibilidade de transformar êste país em celeiro do mundo. Poderíamos não apenas alimentar os 90 milhões de brasileiros mas também ajudar a alimentar, talvez, algumas centenas de milhões de pessoas que estão no Globo Terrestre, e sofrendo a fome em muitos lugares, como V. Exa. muito bem afirmou.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Atílio Fontana, V. Exa., que reúne à condição de homem público a de homem de empresa, conhece esses problemas melhor do que eu. Somos membros da mesma confraria. Vamos lutar juntos, com fé e confiança em que o Brasil e a América Latina romperão a barreira do subdesenvolvimento, recorrendo à ciência e à tecnologia.

O Sr. Atílio Fontana — Estou de pleno acôrdo, nobre Senador.

## PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O SR. ARNON DE MELLO — No que diz respeito à pecuária — continuo lendo estatísticas oficiais, Senhores Senadores —, a taxa do abate de gado foi, em 1960, de 21,1, na Argentina; 18,7 no Chile, e 11,0 no resto da América Latina, enquanto chegou a 38,4% na Austrália, 27,0% nos Estados Unidos, e 36,5% na Nova Zelândia.

A CEPAL calcula que, entre 1960 e 1980, o aumento do consumo interno da América Latina será de 145% e o das exportações de 64%. A produção deveria ter para isso, um acréscimo de 128% com um aumento das exportações de 27%. Então, o acréscimo da produção agrícola necessitaria elevar-se a 4,1%, e o aumento da pecuária deveria ser de 300 milhões de cabeças no período 1960-1980. Mas não parece fácil alcançar tal resultado.

Saliente-se que o crescimento da produção agrícola foi em 1958-1960 de apenas 2,6%, e que a maioria dos países da América Latina depende, em mais de 50% de suas exportações, de um único produto. Alguns desses números são de estatística do começo da década de 60, mas são ainda válidos. O cobre representa, 70% das exportações do Chile; o café, 64% das da Colômbia; 63,8% das de Costa Rica; . . . 63% das do Haiti; 49% das da Guatemala; 46,3% das de El Salvador e 43% das do Brasil. O açúcar, 77% das de Cuba e 55,8% das de São Domingos. O estanho, 63% das da Bolívia. O petróleo, 92,4% das da Venezuela. A banana, 69% das do Panamá; 57% das do Equador e 49% das de Honduras. A lã, 45,4% das do Uruguai. No Paraguai, a carne, com . . . 28%; e a madeira com 21,8%, fazem 50% de suas exportações. A Argentina leva vantagem a todos: carne, 25%; trigo, 17%; milho, 12%. O México é o país de exportações mais diversificadas: algodão, 18%; café, 6,9, porém o turismo entra com mais de 50% da sua renda em divisas.

Enquanto o Mundo exportava, em 1950, 55.400 milhões de dólares, e em 1960 127.500 milhões de dólares, as exportações da América Latina em 1950 eram de 6.585 milhões e em 1960 de 8.685 milhões, ou seja, em 1950, 12% das exportações do Mundo, e em 1960 nem 7%. Quanto às importações, o Mundo importou, em 1950, 58.200 milhões de dólares, e a América Latina, 5.407 milhões; em 1960, o Mundo importou 134.300 milhões, e a América Latina 8.202 mi-

lhões. Baixaram, assim, as importações, e por causa da política de substituição delas, menos 10% em 1950 e menos 7% em 1960.

Vale notar que, além de cair incessantemente a participação da América Latina no intercâmbio mundial, com a agravante dêste intercâmbio haver sido duplicado, os nossos produtos, a partir de 1948, baixaram de preço no mercado internacional. Aumentamos o volume físico das exportações em 26% na última década, mas seu valor unitário se reduziu em 14%, baixando êste, assim, em mais da metade em relação ao aumento do volume físico.

## O PIOR

E o pior é que, enquanto caíram de valor as nossas exportações, elevaram-se os preços dos produtos que importamos, com o que se reduziu ainda mais o nosso poder de compra no mercado mundial. Aumentou apenas em 12%, no período de 1956-1960, a nossa capacidade aquisitiva. Assim, a nossa posição deficitária, no mercado internacional, se agrava constantemente. E cumpre destacar ainda que, se se retirassem as exportações da Venezuela, as do resto da América Latina não teriam tido aumento.

Anote-se que, já substituídas as importações, é difícil diminuir as existentes sem sacrificar o desenvolvimento ou comprometer a estabilidade dos países da América Latina, pois essas importações estão hoje reduzidas a combustíveis, matérias-primas e bens de capital.

Tais perspectivas não dão indicações de modificação para melhor, pois a realidade não ajuda o desenvolvimento. De acôrdo com os dados da CEPAL, mais de 20 milhões de agricultores trabalham terras de terceiros, com renda *per capita* de cerca de 150 dólares anuais.

Somos uma das áreas do mundo de maior concentração fundiária. 60% da superfície total dos nossos estabelecimentos agrícolas são controlados por 1,5% de proprietários, e as propriedades maiores de 1.000 hectares tomam cerca de 2/3 da totalidade da terra ocupada com a agravante de, em certas partes, nem 10% da superfície agricultável serem aproveitados. Em determinados países, há extensões de terras pertencentes a uma só família maiores em superfície que o território de El Salvador ou de Costa Rica ou do Panamá.

## BALANÇA DE PAGAMENTOS

O Sr. Attilio Fontana — Concede-me V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O Sr. Attilio Fontana — A situação da balança comercial — como V. Exa mesmo está-nos dando a conhecer — em determinadas circunstâncias até não é das piores. Nos últimos anos temos tido saldo favorável. Contudo, com os novos encargos, a balança de pagamento é altamente deficitária, quase calculada em um têrço ou mais de nossas exportações. Segundo o próprio Ministério da Fazenda informa, está comprometida com os encargos anuais que devemos enviar ao exterior, seja em amortização de débitos, seja através de juros, seja de dividendos e *royalties*, comissões, etc. De sorte que, se não mudarmos de rumo, cada vêz mais ficaremos endividados e, para pagarmos as dívidas, para amortizá-las, teremos que lançar mão, novamente, de maiores empréstimos. A situação tende a se agravar nessa parte e, por essa razão mesmo, precisamos melhorar a agricultura. V. Exa. citou, há pouco, o fato de que uma grande parte das áreas de terras cultiváveis estão na mão de poucos. Mas por quê estão na mão de poucos? Porque a maior parte de nossos patrícios, lamentavelmente, não recebe, no devido tempo, aquela instrução, aquêlê ensino, aquêlê preparo que os possibilitem a tornar-se independentes. Como analfabetos, sem preparo, sem profissão definida, se sujeitam a padrão de vida muito modesto. Poucos conseguem, então, manter essas grandes áreas de terra que podiam ser redistribuídas e cultivadas. Êstes são problemas muito sérios, porém não insolúveis. Eu, como V. Exa. e como homem que luta desde praticamente a primeira infância, tenho muita fé. Sempre que viajamos, como em dezembro último, observamos, aliás — o mesmo ocorreu no interior da Bahia e de Pernambuco — condições favoráveis ao mlhoramento do padrão de vida daquela gente. Realmente, tenho muito entusiasmo pelo futuro dêste grande País. Mas precisamos não apenas acreditar nesse futuro e sim fazer um esforço para remover os obstáculos que entram o caminho do desenvolvimento.

O SR. ARNON DE MELLO — Senador Attilio Fontana, concordo, inteiramente, com V. Exa. na identificação das causas do nosso terrível subdesenvolvimento. Muito obrigado pelo seu aparte, que ilustra bem o meu discurso.

## RENDA PER CAPITA

O Sr. Eurico Rezende — Permite V. Exa. aparteá-lo novamente?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador.

O Sr. Eurico Rezende — V. Exa. já fez aqui exame detalhado, percuciente, da conceituação e das implicações da renda nacional. Em nosso País, adota-se critério que não me parece válido para a aplicação, por exemplo, da renda *per capita*. Adota-se a média da renda. Então, figuremos uma apuração aqui, no Senado. Pelo critério que nossos economistas oficiais adotam, soma-se a renda de todos os Senadores; aquêles que, em termos salariais, estão assim, mais ou menos, favelados, com aquêles outros mais abonados pela fortuna material. Então, a minha renda e a de outros frades menores é associada com a renda de frades maiores, como o eminente Senador José Ermirio de Moraes, o ilustre Senador Auro de Moura Andrade, o nobre Senador Attilio Fontana. Soma-se tudo, dividem-se, então por 66, e se estabelece a renda "per capita" — quando o critério válido que se deve adotar é o da capacidade de consumo. Se estou consumindo carne, arroz, feijão e outras utilidades, aí temos a medida exata da minha renda. E' a medida exata da minha renda. E' o que se observa. Tem-se uma impressão muitas vêzes lisonjeira, mas apenas na aparência, quando a apuração é feita por um critério inteiramente refugio da realidade. No caso especial do Brasil, temos de assinalar ainda os grandes investimentos públicos que se fazem, por exemplo, na área da SUDAM, na área da SUDEFNE, sobretudo na construção de Brasília. Apura-se, então, uma renda *per capita* enorme, mas renda evidentemente falsa, fictícia. Adotássemos o critério da apuração da renda *per capita* pela capacidade de consumo, e teríamos um quadro adequado, um quadro não hipócrita, não aparente, da imagem econômico-financeira dêste País. Naturalmente que êsses investimentos públicos são fatores que geram a riqueza privada, mas não na dimensão estatística que, frequentemente, é exibida para os brasileiros.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Eurico Rezende, cumpre-me dizer a V. Exa. que estou lendo números referentes à América Latina. Com muita alegria incorporo ao meu discurso o ponto de vista de V. Exa. a respeito da melhor maneira de apurar-se a renda *per capita* de um país. Permita-me, entretanto, frizar que o Brasil é um corpo

só, não poderia ser dissociado para apuração da sua renda *per capita*. E' como se não nos considerássemos doentes, porque estamos doentes do braço, da mão ou do pé. A renda do produto interno bruto tem que, realmente, ser distribuída por todos os habitantes, para que se possa saber a capacidade produtiva real da Nação. E somos uma sociedade dualista. V. Exa. deve conhecer o magnífico trabalho de Jacques Lambert, que estudou a situação brasileira, considerando o fato de termos uma parte do País, paupérrima, e outra, extremamente rica. Ainda anteontem lí, a êsse respeito, estudo interessante, no qual se realçava que o Brasil vive, ao mesmo tempo, quatro estágios: o da pedra lascada, com os índios; o colonial, com as pequenas cidades; o da Idade Média, com a agricultura ainda tão atrasada; e o estágio mais avançado, da revolução industrial, com o desenvolvimento do Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais.

Agradeço, mais uma vez, a contribuição que V. Exa. me traz com o aparte que acaba de proferir.

## LONGE DO DESENVOLVIMENTO

Senhores Senadores:

Antes de ser feita a reforma agrária na Bolívia, 92% da totalidade da área das unidades agrícolas pertenciam a 6% do total de proprietários. Enquanto na América Latina a concentração da propriedade chegou a 0,95, no Canadá, que tem metade da nossa superfície, com uma população de 20.000.000 de habitantes, é de 0,55 a concentração fundiária.

E não sofremos apenas os males do latifúndio. Amargamos também as desvantagens do minifúndio anti-econômico. Em alguns países latino-americanos, 81% dos estabelecimentos agrícolas têm menos de 5 hectares, sendo que até 50% deles têm menos que 1 hectare. Enquanto isso, nos Estados Unidos 9% apenas das unidades agrícolas têm menos de 5 hectares.

A estrutura agrícola da América Latina, de raízes da época colonial, não pode evidentemente subsistir, e o problema deve ser resolvido em termos estritamente técnicos, sem o passionalismo com que em certas fases tem sido tratado.

Vê-se que estamos bem longe ainda do desenvolvimento, distante mesmo até da revolução industrial do século passado. Se antes se dizia que " a doutrina da integração significa a extensão ao âmbito multinacional da tese se-

gundo a qual o desenvolvimento econômico é impossível sem a industrialização”, hoje é impossível antever a integração em passo acelerado sem pular etapas, na base da ciência e da tecnologia, com a utilização do átomo e da cibernética.

Nos novos tempos não progredir é retroceder e no nosso caso o retrocesso ganharia velocidade excepcional, dadas as nossas condições de atraso. Se a própria Europa, ante o avanço descomunal da tecnologia americana e japonesa, já se considera subdesenvolvida, que diremos nós que estamos tão longe ainda do estágio de progresso do velho Continente? E não confiemos no desenvolvimento puramente estatístico, pois transitório e ilusório é todo desenvolvimento que não utiliza o arsenal da ciência e da tecnologia.

A necessidade de acelerar o desenvolvimento constitui para nós, latino-americanos, um imperativo de sobrevivência como nações independentes. A força que assegura hoje a soberania e garante o progresso e o prestígio das nações não é propriamente a material. As superpotências já não se afirmam pelo poderio em armas e em soldados, mas pelos cientistas que formam e pela qualidade e número de seus laboratórios e pesquisadores, armados estes apenas de seus conhecimentos científicos. É bem típico o caso do Japão. Saído exangue da Segunda Guerra Mundial, importador de ferro, petróleo, carvão e cobre, já, no entanto, se destaca como a terceira potência do Mundo em indústria de ferro e aço, a sua produção industrial competindo com a dos Estados Unidos no próprio mercado interno americano. A que se deve esse fabuloso progresso senão à tecnologia, de que o país é, êle mesmo, um produto?

## O QUE É INDISPENSÁVEL

Também não se diga que recursos imensos são indispensáveis para um programa de desenvolvimento científico e tecnológico, porque o próprio caso do Japão o desmente. E há ainda o caso da Índia, hoje uma das Nações mais avançadas em potência nuclear e tecnologia, e, no entanto, das mais pobres e subdesenvolvidas do Mundo. Nehru, que a ele vou tão alto, respondendo às críticas de que o país não tinha recursos nem condições para realizar um programa de desenvolvimento nuclear, declarou: “A Índia é realmente muito pobre para se dar ao luxo de não apelar para a ciência.” E Bhabha, o iluminado físico que executou tal programa, teve esta frase lapidar em resposta aos que consideravam caro o preço da energia nuclear: “E’ mais caro um zero KW do que um KW caro.”

O que é mesmo indispensável, para realizar o desenvolvimento científico e tecnológico, é a decisão de fazer e o ânimo de prosseguir, sabido que cada avanço continuado em tal campo é seguro alicerce da marcha para a frente. E o fundamental é iniciá-lo, como fizeram o Japão e a Índia, pela educação, fonte de todo o progresso especialmente nesta era da ciência.

## EDUCAÇÃO

Se, para qualquer programa de desenvolvimento, indispensável se torna a colaboração do povo, autor, em última análise, de tôdas as transformações sociais, esta colaboração é tanto mais valiosa e eficiente quanto mais ampla fôr a área alcançada pela educação.

Não preciso referir pesquisas, análises e estudo por técnicos e especialistas sôbre fatores de desenvolvimento na vida das Nações. Mas é hoje ponto pacífico entre êles considerar a educação um investimento sobremodo rendoso, de interêsse cultural mas especialmente de interêsse prático. Já se afirma, na base de estudos como os de Theodore Schultz, Edward Dernezou, Simon Kuzitek e outros, que o aumento da produção também se faz através de despesas com a educação, que se tornam, assim, altamente remunerativas. Afirma Schultz que o investimento na instrução é atualmente nos Estados Unidos "a maior fonte de capital humano". Em resumo: "um dólar investido na melhoria intelectual dos seres humanos pode provocar um maior aumento da renda nacional do que um dólar colocado nas vias férreas, nas bargens, nas máquinas e utensílios ou em tôda outra forma tangível de bens de produção."

## EXPANSÃO AMERICANA

Saliente-se que a expansão da economia americana, que, entre 1909 e 1929, se deveu em mais de 50% à mão-de-obra e aos recursos financeiros, daquele último ano em diante passou a depender, em mais de 70%, da educação e da tecnologia. E é indubitável que à educação credita o século passado, fundamentalmente, o seu progresso econômico e social. Foi a educação que possibilitou os conhecimentos técnicos para aproveitamento das máquinas recém-descobertas.

Se a educação abre horizontes e se, esclarecido e senhor de novos conhecimentos, o individuo ganha maiores

impulsos de melhoria, claro que se criam novas forças de pressão para o desenvolvimento e, conseqüentemente, para a ascensão social. Leiam-se as excelentes conferências de John Galbraith na Índia, em que êle se detém no exame do assunto. “A educação — acentua — é como o pão: qualquer coisa que nós utilizamos e que consumimos. Mas ela é também como uma barragem ou um canal: qualquer coisa que investimos para produzir mais no futuro.”

## **AJUDA AO DESENVOLVIMENTO**

Senhor Presidente:

O subdesenvolvimento é problema que afeta hoje tanto as nações atrasadas, que o sofrem, como as adiantadas, pois as tensões da miséria ameaçam tôdas elas. Há outros motivos pelos quais o desenvolvimento dos países atrasados interessa aos países adiantados: êle aumenta a capacidade de consumo das populações, incentivando, assim, a produção dos países mais desenvolvidos, e transmite a outros povos a experiência adquirida na luta contra o atraso, e esta experiência aproveita ao Mundo todo.

Quando à América Latina, já no dia 14 de abril do ano passado, por declaração dos chefes de Estado das Nações Americanas, em Punta del Este, decidiu-se elaborar um programa de desenvolvimento científico e tecnológico, “destinado a colocar o adiantamento da ciência e tecnologia em um nível que contribua substancialmente a acelerar o desenvolvimento econômico e o bem-estar de seus povos e também permitir a pesquisa científica pura e aplicada no mais alto grau possível”.

A Segunda Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano de Cultura, realizada de 25 a 26 de maio de 1967, na Sede da União Pan-Americana, em Washington, decidiu criar um Fundo Inteamericano para a Formação Científica e Tecnológica com o objetivo de estimular a formação do pessoal científico e tecnológico de nível acadêmico superior financiado com contribuições dos Estados Membros e outros. E designou um grupo das mais altas figuras da ciência e tecnologia da América Latina para elaborar o Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Esse Programa, já aprovado, destaca as dificuldades e limitações de nossos países marcados por graves desequilíbrios internos, e sugere que se tomem providências as mais rápidas possíveis, sobretudo em face da expectativa criada pelas de-

cisões de Punta del Este. Depois de indicar as ações multinacionais a serem desenvolvidas, friza:

“É indispensável que os governos dos países latino-americanos, conscientes do transcendental papel que a ciência e a tecnologia desempenharão em seu desenvolvimento e acordos com a Declaração de seus Presidentes em Punta del Este, iniciem desde já esforços no nível paralelo com o Programa Regional, no sentido de realizar inversões cada vez maiores que reforcem diretamente sua infra-estrutura científica, em função dos planos de desenvolvimento, até chegar àquela fração do seu produto nacional bruto que seja recomendável para lograr em futuro próximo as metas da superação a que se propuseram.”

Confiando em tais propósitos, seja o nosso empenho, das Nações da América Latina, ganhar consciência da essencialidade do desenvolvimento científico e tecnológico, lastreado pela educação, sem o qual é impossível romper a barreira do atraso, queimando etapas para vencer a disparidade incomensurável entre o Mundo desenvolvido e o subdesenvolvido. Só assim se fará a integração, e fecunda como a queremos.

## **CONSIDERANDA**

Senhor Presidente:

Leio agora as proposições que apresentei à III Assembléia Geral do Parlamento Latino Americano, como membro da Comissão de Integração Cultural e de Educação, as quais tiveram aprovação unânime do Plenário como da própria Comissão, cujos integrantes muito me sensibilizaram com as suas palavras extremamente generosas:

Considerando os problemas de subdesenvolvimento com que luta a América Latina, e entre eles especialmente o educacional, de vez que temos 65% de analfabetos e as nossas estruturas de ensino primário, médio e superior são obsoletas e constituem um dos fatores mais graves do nosso atraso.

Considerando a essencialidade da ciência e da tecnologia para qualquer programa que vise ao progresso, num século em que as descobertas se sucedem, revolucionando o Mundo e assegurando novos elementos de bem-estar à humanidade, enquanto na América Latina o investimento em ciência e tecnologia não vai além de 0,2%, anualmente.

Considerando, que o nosso ensino técnico é deficiente e que nos falta a mão de obra especializada.

Considerando as recomendações feitas pelos organismos internacionais na Ata de Bogotá, de outubro de 1960; na Carta de Punta del Este, de agosto de 1961; na Conferência organizada pela UNESCO em Santiago do Chile, em setembro de 1965; na Reunião dos Dirigentes dos Conselhos de Investigação Científica e outros organismos dos Estados Membros da América Latina, promovida pela ONU em Buenos Aires, em julho de 1966; na Reunião dos Chefes de Estado Americanos, constante da Declaração dos Presidentes da América, em abril de 1967.

Considerando que tôdas essas indicações e recomendações aprovadas nessas reuniões internacionais precisam quanto antes ser concretizadas, dado o agravamento dos angustiantes problemas da América Latina e avanços científicos e tecnológicos dos países dos outros continentes.

Considerando que o Parlamento Latino Americano, constituído de membros dos Parlamntos dos Países da América Latina, tem condições para tornar realidade as mencionadas indicações.

## PROPOSIÇÕES

A III Assembléia Ordinária do Parlamento Latino Americano recomenda às Nações latino-americanas:

- 1) Destinar cada País pelo menos 1/2% do seu produto nacional bruto ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e à pesquisa pura e aplicada.
- 2) Criar cada País o Ministério da Ciência e Tecnologia.

E' incontestável que, neste século de descobertas fabulosas, a ciência e a tecnologia precisam ser tratadas em termos de Ministério. A criação de um órgão coordenador de assuntos de tão alta importância se impõe para facilitar a administração em tal campo e acelerar o desenvolvimento.

3) Nomear adidos científicos junto às Embaixadas de cada País nas Nações mais avançadas em tecnologia.

4) Tendo em vista que todo cidadão deve prestar pelo menos um ano de serviço à Pátria, estabelecer que os jovens de 18 anos, que não forem aproveitados pelas Fôrças Armadas para o serviço militar, só obtenham a carteira de reservista de 3a. categoria depois de prestar, durante um ano, de acôrdo com as suas habilitações, serviços numa campanha de alfabetização, ensinando em qualquer par-

te de suas cidades aos que não saibam ler e escrever. O mesmo deverá verificar-se com as jovens de 18 anos, que, no entanto, poderão optar por servir em corpos de saúde.

Chamo a atenção de V.v. Exas. para esta minha proposição, visando à luta contra o analfabetismo. O Brasil tem, todos os anos, cêrca de um milhão de jovens de 17 anos, prontos para o serviço militar, mas nossas Forças Armadas absorvem apenas cêrca 100 mil desses rapazes. Esta deve ser mais ou menos a situação dos demais Países latino-americanos. Criar-se-iam assim o Exército da Educação e o Exército da Saúde, se as jovens preferissem integrar êste.

5) Aproveitar, na fase de serviço militar, o tempo disponível dos recrutas para ensinar-lhes um ofício, de modo que, ao deixarem os quartéis, tenham êles uma profissão.

## ENSINO SUPERIOR

6) Reformular o ensino superior de engenharia, criando dois cursos: um de engenheiro grande planejador, de longa duração. O outro, de curta duração, é o da linha do trabalho. Depois de fazer o curso primário até os 14 anos, o jovem irá trabalhar 3 anos em regime de aprendizagem. Findo o curso, receberá a carta de ofício e o certificado de que é qualificado. Se quer progredir, fará o curso técnico, sempre trabalhando e ganhando. Assim teremos a linha de promoção social, a educação junto ao trabalho.

O Brasil é um dos poucos países do mundo que formam engenheiros em cinco anos e às suas custas. Os Estados Unidos, onde o ensino superior é pago pelo estudante, e a Rússia fazem engenheiros de dois, três e quatro anos. E o engenheiro de cinco anos do Brasil não utiliza nas suas atividades profissionais nem 30% dos conhecimentos adquiridos na Faculdade. Somos em geral teóricos, aprendemos os princípios e não as práticas.

7) Reformular o ensino médio, tornando-o menos teórico e propedêutico. Dar aos cursos médios, que preparam para a Faculdade, características profissionalizantes. Transformar, no segundo ciclo, os colégios tradicionais em colégios técnicos ou dar cursos técnicos nos colégios tradicionais.

No Brasil, o jovem, ao concluir o curso secundário, tem a sensação de que nada fez, porque, através dele, não aprende para a vida, aprende para a escola superior. Nós precisa-

mos, evidentemente, profissionalizar, dar característica profissionalizante ao nosso curso médio.

## PREPARAÇÃO DE MÃO DE OBRA

8) Incentivar programas intensivos de preparação de mão de obra, aproveitando todos os adultos que não passaram pelo sistema regular de ensino, e treinando-os através de processos modernos.

O trabalhador que pouco sabe ler, mas que aprendeu técnicas numa oficina e quer entrar numa escola, para se aperfeiçoar, não tem considerados pelo sistema educacional brasileiro os seus conhecimentos práticos. Ele é equiparado ao jovem que entra sem nada saber de prática nem de técnica, e sem ter conhecimentos teóricos. Sugiro que sejam considerados pela lei brasileira êsses conhecimentos práticos e técnicos dos trabalhadores que precisem de conhecimentos teóricos.

## CENTRO DE EDUCAÇÃO TÉCNICA

9) Criar centros de educação técnica com finalidade de preparar os professores de disciplinas específicas no campo técnico.

Nós já temos, no Brasil, centros desse tipo, e precisamos de maior número deles. É extremamente importante isso porque, se queremos aprender uma técnica, não encontramos nenhuma cadeira em nenhuma faculdade de filosofia aonde nos seja ela ensinada. Aprende-se na Faculdade de Filosofia para as letras, mas não para a técnica. E não adianta equipamentos sem professores treinados.

Propus por fim às Nações latino-americanas a isenção, que já existe no Brasil, do impôsto de importação para as máquinas destinadas ao ensino técnico.

Sr. Presidente e Srs. Senadores:

Ai estão as idéias que submeti à apreciação da III Assembléia Ordinária do Parlamento Latino Americano e que foram por ela recomendadas às Nações dêste Continente. Queiram perdoar-me o tempo que lhes tomei para falar. lhes a respeito. Muito obrigado pela atenção generosa de V.v. Exas.



## COMISSÃO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO

Ao apresentar o Senador Arnon de Mello sua proposição à Comissão de Integração Social e Educação da III Assembléia do Parlamento Latino Americano, que a aprovou por unanimidade, os seus delegados membros assim se manifestaram conforme as notas taquigráficas:

O SR. SENADOR ANTONIO MAZZULI (RELATOR — PARAGUAI) — Sr. Presidente, na nossa reunião do dia de ontem, o Sr. Senador Arnon de Mello, do Brasil, expendeu aqui, em voto que proferiu a projeto de resolução que nos foi submetido, interessantes considerações sobre diversos aspectos da cultura e da educação latino-americana. Um desses aspectos é o da alfabetização, e outro se relaciona com o nível de ensino científico e tecnológico de nossos povos.

Agora, por solicitação nossa, S. Exa. nos apresenta um projeto em termos concretos. Como se trata de projeto de grande importância, que requereu substancial explicação, solicitaria, através da Presidência, a amabilidade do Senador Arnon de Mello para fazer a leitura do mesmo.

Lido o projeto pelo Senador Arnon de Mello, volta a falar o Relator da Comissão:

RELATOR: SENADOR ANTONIO MAZZULI — PARAGUAI — Senhor Presidente: a realidade dos nossos países, tão bem expressa nos seus diversos aspectos pelo Senador Arnon de Mello, e as soluções por êle propostas não necessitam de novos argumentos do Relator, pelo que aconselho a aprovação do projeto de resolução apresentado.

## NICARÁGUA

SR. PRESIDENTE: Está em debate. Tem a palavra o nobre representante da Nicarágua.

REPRESENTANTE DA NICARÁGUA: DEPUTADO ADOLFO GONZALEZ BALTODANO — Honrado Senhor Presidente, honrados delegados. Escutei com a maior atenção a interessante proposição do honrado Senador Arnon de Mello, do Brasil. Como membro da delegação da Nicarágua, identifique-me com todo o entusiasmo com o que propôs o Senador Arnon de Mello, a quem dou meu apoio, aplaudindo o substancial estudo que realizou. Muito obrigado.

## PERU

**SR. PRESIDENTE:** Tem a palavra o nobre Representante do Peru.

**REPRESENTANTE DO PERU: — DEPUTADO ENRIQUE RIVERO VELEZ:** Senhor Presidente, quero expressar as minhas felicitações mais efusivas e sinceras ao Senador Arnon de Mello pela exposição e pelo trabalho que nos trouxe. Represento aqui um país que está dedicando esforços extraordinários à educação pública, à qual consagra quase 35% do seu orçamento global. Não obstante este esforço extraordinário, cremos que a educação padece no Peru, como no resto da América, de problemas muito graves. E cremos que, na medida em que pudermos atender, como deseja o Senhor Senador Arnon de Mello, o problema substantivo da educação tecnológica, estaremos fornecendo aos nossos países o instrumento do seu desenvolvimento. Fundamentado, assim, o meu voto, Senhor Presidente, devo associar-me, em nome da delegação do Peru, ao transcendente trabalho que nos trouxe o Senador Arnon de Mello.

## PARAGUAI

**REPRESENTANTE DO PARAGUAI — Senador Raul Peña:** Senhor Presidente, quero manifestar minha admiração pelo belo trabalho que nos acaba de ler e de expôr com tanta clareza o Senador Arnon de Mello. Evidentemente, a delegação do Paraguai não pode senão aplaudí-lo, e dizer que vai apoiar com todo o entusiasmo este projeto que nos apresentou. Cumpre frizar que todos os problemas atuais da nossa América Latina podem, creio, concentrar-se ou limitar-se a um só: necessitamos desenvolver-nos. Somos um continente imenso, rico de tódia classe de riquezas; temos tódia especie de material, tanto humano como da terra, para que seja o nosso povo feliz e próspero. Necessitamos é desenvolver-nos. Estamos, todos os povos da América, querendo fazê-lo. E não é possível nenhum desenvolvimento sem tecnologia. Quer dizer então que esta aspiração que acaba de expressar tão brilhantemente o Senador Arnon de Mello representa seguramente a aspiração de todos os parlamentares da América Latina, pelo que a delegação do Paraguai, repito, vai apoiá-la fervorosamente.

## COSTA RICA

REPRESENTANTE DA COSTA RICA — *Deputado Zamora*: Senhor Presidente e companheiros parlamentares. Quero identificar-me com as vozes que apoiaram o projeto do Senador Arnon de Mello, especialmente porque, como dizíamos anteriormente, estamos carecendo, na América Latina, de técnicos. Na América Central nos atiramos, talvez muito rapidamente, à integração econômica, e Costa Rica se viu numa situação de desvantagem pela carência de técnicos. As empresas industriais que ali se estabeleceram se defrontaram com o problema da carência de técnicos costarriquenhos para o manejo da nossa nascente indústria. Necessitamos urgentemente de técnicos, pelo que eu, pessoalmente, apresentei ao Congresso do meu País um projeto para a criação do Instituto Politécnico Nacional de Costa Rica, projeto que está neste momento em estudo na Comissão de Assuntos Sociais. Agora, vou usar as palavras do Senador Arnon de Mello como cavalo de batalha, quando voltar á minha terra, para defender êsse projeto. Com todo o entusiasmo apoiarei aqui a proposição do Senador Arnon de Mello, porque creio nela, porque trabalhei por ela e porque sei, como todos os presentes, que, se a América Latina decidir alcançar rapidamente o desenvolvimento que merece, deve fazê-lo principalmente à base dos técnicos de que está carecendo nossa indústria.

## BRASIL

REPRESENTANTE DO BRASIL — *Deputado Milton Brandão*: Senhor Presidente, em nome dos demais companheiros da delegação do Brasil, tenho a grande satisfação de declarar que emprestamos o nosso integral apoio ao trabalho oferecido pelo nosso eminente Senador Arnon de Mello. Realmente, S. Excia. é um profundo conhecedor do assunto e, além do mais, um estudioso dos nossos problemas. Através desse estudo, êle encontra a solução para os problemas dos países sulamericanos no campo da ciência e da tecnologia. Apresentou a Índia como um exemplo desse tema que êle aborda com tanta proficiência, com tantos conhecimentos. E ainda foi mais profundo em especificar outros pontos que recomenda na sua resolução à nossa Comissão e que, se aprovados, realmente irão oferecer, no campo da educação, melhoria de condições aos nossos países e principal-

mente uma educação moderna à nossa mocidade. De modo que, Senhor Presidente, como estamos realmente na época da tecnologia e da ciência, nós, da delegação brasileira, além de rendermos nossa homenagem ao nosso eminente companheiro, Senador Arnon de Mello, declaramo-nos solidários com o seu trabalho.

## EQUADOR

REPRESENTANTE DO EQUADOR — *Deputado Cuevas*: Senhor Presidente, senhores delegados. Não saberei que aplaudir mais: se a clareza da síntese com que apresentou seu projeto o ilustre Senador Arnon de Mello, do Brasil, ou a profundidade e a projeção do seu trabalho. A delegação equatoriana quer deixar consignado aqui o seu aplauso e o seu apóio ao projeto por êle apresentado.

## APROVADO

SR. PRESIDENTE: Em face das manifestações unânimes de apoio à proposição do Senador Arnon de Mello, a Presidência desta Comissão excusa-se de pô-la em votação. Está aprovada. Com a palavra o nobre Senador Arnon de Mello.

SENADOR ARNON DE MELLO: Senhor Presidente, perdoe-me que eu volte a falar, mas estou profundamente emocionado. Realmente, ao ser informado de que integraria a delegação brasileira à III Assembléia Geral do Parlamento Latino-Americano, procurei estudar melhor os problemas da América Latina. Jamais supus, entretanto, que este meu modesto trabalho merecesse dos meus companheiros desta Comissão, eminentes representantes de vários países do nosso Hemisfério, tal demonstração de generosidade para comigo. Colocando de parte a minha pessoa, destaco com muita alegria a identidade dos nossos pontos de vista quanto à essencialidade da educação, da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento. Essa identidade nos dá a esperança de que breve estarão vencidos nos nossos Países os problemas que bloqueam os caminhos do nosso futuro.

Muito obrigado, Senhores representantes latino-americanos.



Senado Federal



SEN00017376